



TRAJETÓRIAS DE VIDAS, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO.

Aline Maria Barbosa Domício de Sousa; Anne Joyce Lima Dantas; Juliana Fernandes.

(Universidade de Fortaleza e Centro Universitário Estácio do Ceará. alinedomicio@gmail.com)

RESUMO: A identidade estereotipada do idoso perpetua a manutenção negativa dos significados que envolvem o envelhecimento. As limitações fisiológicas durante a velhice e a inatividade sexual perpassam a concepção social do que é tornar-se velho, não considerando as diversas trajetórias envolvidas ao envelhecimento, seus diferentes contextos e indivíduos. De maneira que, as expressões das sexualidades é algo improvável quando atribuída à velhice. Ao se tratar de mulheres idosas esta intersecção se mostra ainda mais limitada frente ao estigma e figura normatizada do papel da mulher idosa. Objetivamos neste estudo discutir as trajetórias de vidas de mulheres idosas relacionadas às suas sexualidades. Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório, utilizando como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Os dados das entrevistas foram analisados a partir da análise de conteúdo sugerida por Laurence Bardin. Ponderamos ser imprescindível a discussão acerca das experiências de mulheres idosas, para que se reconheça a necessária visibilidade que as sexualidades e os múltiplos modos de expressar-se subjetivamente possuem na velhice.

Palavras-Chave: Trajetórias, Sexualidade, Envelhecimento.

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015 p. 22) a população idosa vem aumentando significativamente, sendo que “mais de uma em cada cinco pessoas tem mais de 60 anos”. Em 2016 contamos com um número aproximado de 24.933.461 pessoas com idade maior que 60 anos e está previsto que este número cresça quatro vezes mais em 2060 para 73.551.010 (IBGE, 2013). Este crescimento exige que seja possível um maior aprofundamento nas discussões acerca da velhice na atualidade, visto que a taxa de natalidade diminui a cada ano e o

envelhecimento ocupa novos espaços e significados na sociedade.

A dinâmica que envolve a vida dos idosos nos dias atuais está perpassada por uma realidade jamais vivida no que diz respeito à velhice nos séculos passados. A emergência de um corpo jovem, as exposições midiáticas que promovem o culto ao corpo e o livre exercício da sexualidade, possibilitam enxergar novos significados do que é tornar-se idoso na contemporaneidade. A velhice tem passado das esferas privadas, previdenciárias e filantrópicas para uma questão pública. Novos espaços têm sido



configurados socialmente para a experiência de uma velhice positiva (Debert, 2012a).

Os processos que abrangem o envelhecimento atualmente estão mais comprometidos em promover maiores discussões e visibilidades acerca da qualidade de vida na velhice e a inserção de idosos nos ambientes acadêmicos e profissionais. O aumento na expectativa de vida e a possibilidade de desfrutar uma aposentadoria de maior período proporciona ao idoso enxergar o envelhecimento como um momento também de novas experimentações (Neri, 1993).

A existência de uma indústria comercial voltada para os idosos coloca em questão uma velhice que se mostra de maneira singular e nunca antes experienciada. Não objetiva-se tão somente a venda de produtos intencionados aos cuidados com a saúde dos idosos. Os tratamentos estéticos, reposições hormonais e impotência sexual evidenciam as novas possibilidades de experimentações em relação à vida sexual na velhice.

Porem, em contra partida, envelhecer a maioria das vezes se relaciona diretamente ao isolamento social, desgaste físico e mental, luto e assexualidade. Desconsideram-se então os desejos que envolvem a intersecção sexualidade e velhice. Impõe-se a ideia de que durante o envelhecimento o desejo sexual

diminui e os modos de vivenciar a sexualidade se mostra limitada, gerando o tabu da existência da sexualidade no idoso. Esta realidade corrobora com o estranhamento dos próprios idosos ao vivenciarem a sua sexualidade.

A figura estereotipada da velhice estabelece posturas e condutas a serem seguidas pelos idosos. Existe um conjunto de práticas sociais que promovem a renovação do corpo envelhecido, da identidade e autoimagens no intuito de encobrir problemas próprios da velhice ou até mesmo de sua existência (Debert, 2012a), não sendo diferente em relação à presença de sexualidades na vida dos idosos. Historicamente, a sexualidade durante o envelhecimento foi negada a partir de normas socioculturais que dificultam a experiência sexual na velhice (Cezar, 2011; Fernandes, 2010).

A manutenção de estereótipos negativos sobre o envelhecimento se desenvolve a partir da falta de conhecimento e sensibilidade social em entender os significados da velhice na contemporaneidade (Neri, 1993). Estabelece-se uma normatização da identidade do idoso, visando categorizar significações ao envelhecimento. As limitações, perdas e inatividade sexual perpassam a concepção social do que é ser idoso, não considerando as diversas trajetórias



envolvidas ao envelhecimento, seus diferentes contextos e indivíduos.

Tal posicionamento faz com que a velhice atualmente esteja inserida em um processo de vulnerabilidade frente às doenças sexualmente transmissíveis e invisibilidade das expressões de suas sexualidades (Saldanha, 2009). Este fenômeno por sua vez resulta na negação da intersecção velhice e sexualidade. A ausência da sexualidade durante a velhice se mostra como um mito normatizador, que dificulta a existência de sexualidades na velhice (Araújo, 2007; Moraes, 2011).

Para tanto, objetivamos neste estudo discutir as trajetórias de vidas de mulheres idosas e as relações que suas vivências têm sobre as expressões das suas sexualidades. É primordial que a discussão acerca do envelhecimento tome proporções ainda maiores, para que se torne acessível e possível discussões que promovam a melhoria e visibilidade não só das sexualidades na vida dos idosos, mas dos significados que envolvem a velhice, suas trajetórias e vivências.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório, visto que a pesquisa qualitativa nos proporciona compreender os significados relacionados às experiências

subjetivas das participantes (Creswell, 2010; Flick, 2009). Deste modo, foi realizada uma pesquisa de campo que possibilitou maior interação entre as pesquisadoras e interlocutoras da pesquisa (Minayo, 2014).

Foi utilizada como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, que segundo Minayo (2014) propicia maior alcance de informações por meio da fala do entrevistado, revelando sistemas de valores, símbolos e representações de determinado grupo. Os dados destas entrevistas foram analisados a partir da análise de conteúdo sugerida por Laurence Bardin.

Este tipo de análise dá suporte na exploração dos dados, configurando-se como um método empírico e dependente da fala/discurso. Pode-se dizer que a análise de conteúdo é um conjunto de análises de comunicação. De forma que, a partir da utilização de um instrumento metodológico com perguntas abertas, a análise de conteúdo nos proporcionou avaliar por categorias o conteúdo dos questionários. Propomos discutir neste estudo a categoria das trajetórias de vidas das interlocutoras desta pesquisa (Bardin, 1977).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante das mudanças de paradigmas e princípios na modernidade, temos um mundo excessivamente inovador e indivíduos que se



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

inscrevem na valorização de corpos jovens, “corpo voltado para o prazer, para o livre exercício da sexualidade, que exibe sua beleza e plenitude” (Goldenberg, 2009, p. 47). O trânsito histórico entre valorização e desvalorização do novo e do velho influenciaram aspectos sociais e econômicos que, por sua vez, contribuíram para o surgimento de normatização de identidades.

Silva (2007 p. 11) dirá que “uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos”. Por consequência, modificamos o contexto e por ele somos influenciados. Assim, diante da imposição de moralidades, ideologias e normas (também estéticas) do corpo, surgem descontentamentos coletivos que entram em conflito com as verdades estabelecidas pelas normas da política do corpo jovem e sexual (Meyer, 2012).

Com isso, historicamente a sexualidade de pessoas idosas foi negada, sendo perpassada por normatizações socioculturais que escandalizam a vivência sexual durante a velhice (Cezar, 2011; Fernandes, 2010). A identidade assexuada pode fazer parte das concepções dos idosos sobre si mesmo, de modo que atribuem para si comportamentos que os fragiliza e adocece. Segundo Levy (2001), existem pensamentos e comportamentos que são empregados em

relação aos idosos sem que haja de fato um controle consciente da sociedade sobre os significados e comportamentos atribuídos às pessoas idosas.

A partir desta operacionalização de comportamentos sociais, o sujeito idoso passa a não perceber os tratamentos discriminatórios aos quais são submetidos, passando a considera-los normais. Neste sentido, ao pensar na intersecção entre mulheres e envelhecimento, percebe-se um reforço social que negativa a imagem da mulher durante a velhice, prejudicada por não seguir o padrão de beleza juvenil e ao mesmo tempo ridicularizada por tentar parecer jovem (Neri, 2006). Não só estabelece-se uma opressão em relação à promoção da rejeição ao corpo feminino envelhecido, como também se configuram tradicionalismos culturais que impõem responsabilidades quase que exclusivas às mulheres na velhice.

Mulheres idosas vivenciam responsabilidades familiares importantes após a viuvez/separação, cuidando dos filhos, netos e, algumas vezes, sendo responsáveis pelos cuidados dos próprios pais (Mascaro, 1997). Questões relacionadas aos vínculos conjugais e familiares tem peso nas satisfações sociais nas quais idosas são impostas a prestar socialmente. Este tradicionalismo cultural, bem como os estereótipos vividos durante a velhice limitam as idosas a vivenciarem suas

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

trajetórias afetivas com fluidez, sendo envolvidas por significativos sentimentos de medo e solidão como relatado por Diana:

Passei 15 anos sem ter nenhuma vida ativa com ninguém [...] Eu não contava mais com isso na minha vida, depois que eu me separei desse outro. Eu ia continuar só (...) e foi uma casualidade o meu envolvimento com essa pessoa (Diana, 61 anos).

O sentimento de medo é vivenciado a partir da possibilidade de se ver sozinha, principalmente diante do papel que é imposto exercer diante da família (orientadora, protetora, matriarca), negando, muitas vezes, à mulher idosa a experimentações de novas relações afetivas. O medo da solidão também se atribui às insatisfações frente à realidade corporal que reflete a perda no poder de atração. De maneira que, são os termos normativos que fixam aos idosos uma identidade fragilizada, de corpos vulneráveis e em declínio (Butler, 2015).

Mulheres idosas atribuem para si a percepção de que a velhice trás consigo a instabilidade das relações de sexualidades com parceiros/as fixos/as ou não. A forte desvantagem do corpo envelhecido na sociedade possibilita a percepção feminina de corpos pouco atrativos, desvalorizados e com baixo potencial de sedução (Goldenberg, 2009). As mudanças que envolvem o

envelhecimento corporal de mulheres idosas provocam uma problemática em relação ao medo da rejeição em ser idosa e de que forma esta fase será aceita por parceiros/as sexuais.

A diminuição de sinais de excitação e problemas com lubrificação vaginal pode influenciar negativamente a atividade sexual das mulheres durante a velhice (Papalia, 2013). De modo que, as relações eróticas com parceiros/as podem frustrar o desempenho sexual dessas mulheres, acarretando no sofrimento emocional e sentimento de desvalorização de si, como podemos observar na fala de Laura:

O meu marido me mal tratou muito e ele um dia disse que eu era uma mulher frígida e assexuada. Aí eu endoidei! Frígida e assexuada? Então eu não sou de nada mais. Então isso daí mexeu muito comigo (Laura, 76 anos).

Deve-se levar em consideração que as histórias de vida destas mulheres são importantes para entender os modos como estas idosas encaram o processo de envelhecimento também interseccionado às suas sexualidades. Dentre as mulheres entrevistadas nesta pesquisa todas revelaram ter um/a parceiro/a e afirmaram ter vida sexual ativa. As trajetórias vividas por estas mulheres revelam suas preferências sexuais, de maneira que suas vivências têm papel



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

norteador nas suas experiências afetivas atuais. Percebe-se isso no seguinte relato de Marília:

Quando eu estava na minha fase de adolescência, no colégio eu conheci uma menina cinco anos mais velha do que eu [...] a gente ficou muito amiga, e ficou muito íntima. Foi a primeira mulher que eu me apaixonei na vida [...] nunca fui infeliz por ser gay, nunca! (Marília, 66 anos).

Marília demonstra nesta fala que sua trajetória de vida, principalmente ao assumir sua homossexualidade e as experiências que estão relacionadas à sexualidade dá sentido à sua atual satisfação (demonstrada durante as entrevistas) em ser uma mulher lésbica idosa. Assim, o sentimento de invisibilidade da mulher idosa não é compartilhado por todas, de forma que os padrões estéticos, a atração sexual e o erotismo têm significados distintos em diferentes contextos sociais em que se expressam as sexualidades (Alves, 2010).

CONCLUSÕES

A sociedade estabelece papéis e lugares que visam representar a identidade do idoso, porém dependerá da rejeição destes sujeitos frente às imposições sociais que possibilitará a autonomia dos idosos no que se entende como velhice. Recriando-se novos significados do que se caracteriza o processo

de envelhecimento onde vivem (Mascaro, 1997).

Deste modo, as interlocutoras desta pesquisa mostram que as suas trajetórias de vidas perpassam questões relacionadas às novas possibilidades de expressões das sexualidades, bem como a visão assexuada em que as idosas são submetidas seja pelo/a parceiro/a ou não e podemos perceber que as trajetórias de experimentações sexuais da adolescência também influenciam como estas mulheres experimentam suas sexualidades atualmente.

Ponderamos que este estudo no proporcionou enxergar uma dinâmica de vida atuante destas mulheres, envolvida por trajetórias de vidas e relações afetivo-sexuais que contribuem com a fraqueza da concepção de assexualidade durante a velhice.

Portanto, compreende-se que ser uma mulher idosa não é somente o perfil, traço de personalidade ou performance de gênero estabelecido em modos comportamentais. Ser mulher, principalmente na velhice, revela-se como um enlace de múltiplos e diversos modos de expressar-se subjetivamente.

Consideramos imprescindível a discussão acerca das políticas de inclusão das mulheres idosas, para que se reconheça a necessária visibilidade que a sexualidade e os



múltiplos modos de expressar-se subjetivamente possuem na velhice.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Andrea Moraes. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina.

Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 213-233, 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000200010&lng=en&nrm=iso)

71832010000200010&lng=en&nrm=iso>.

acessos em 16 abr. 2016.

[http://dx.doi.org/10.1590/S0104-](http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000200010)

71832010000200010.

ARAÚJO, Vera Lúcia Borges de et al. Características da Aids na terceira idade em um hospital de referência do Estado do Ceará, Brasil. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 544-554, dez. 2007. Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2007000400013&lng=pt&nrm=iso)

790X2007000400013&lng=pt&nrm=iso>.

acessos em 16 abr. 2016.

[http://dx.doi.org/10.1590/S1415-](http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2007000400013)

790X2007000400013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Persona/Edições 70, 1977.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 9ª ed.

trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CEZAR, Andreia Kullmann; AIRES, Marinês; PAZ, Adriana Aparecida. Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis na visão de idosos de uma Estratégia da Saúde da Família. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 65, n. 5, p. 745-750, out. 2012. Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672012000500005&lng=pt&nrm=iso)

71672012000500005&lng=pt&nrm=iso>.

acessos em 16 abr. 2016.

[http://dx.doi.org/10.1590/S0034-](http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672012000500005)

71672012000500005.

CRESWELL, Jhon W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª ed. trad. Magda Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. 1ª ed. 2ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012 (a).

DEBERT, Guita; BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 27, n. 80, p. 37-54, 2012 (b). Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092012000300003&lng=en&nrm=iso)

69092012000300003&lng=en&nrm=iso>.



Acessos em 16 Abr. 2016.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092012000300003>.

FERNANDES, Maria das Graças Melo;
GARCIA, Loreley Gomes. O sentido da velhice para homens e mulheres idosos. *Saude soc.*, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 771-783, dez. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902010000400005&lng=pt&nrm=iso>.

acessos em 16 abr. 2016.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902010000400005>.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3ª ed. trad. Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOLDEMBERG, Mirian. **Como estarão a sexualidade e o corpo no futuro?** In. Mirian Goldemberg (Orgs.). *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade* (p. 45-57). Rio de Janeiro: Record, 2009.

IBGE. **Instituto Brasileiro em Geografia e Estatística**. *Projeção da população por sexo e idades*. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default_tab.shtm. acessos em 06 mar. 2016.

LEVY, Becca R. **Eradication of ageism requires addressing the enemy within**. *The Gerontologist*, 41 (5), 578-579, 2001.

MASCARO, Sonia de Amorim. **O que é velhice?** São Paul: Brasiliense, 1997.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucey Alves (Orgs.). **Abordagens Pós-Estruturalistas de Pesquisa na Interface Educação, Saúde e Gênero: perspectiva metodológica**. In. D. E. Meyer; M. A. Paraíso (Orgs.), *Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação* (pp. 47-61). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORAES, Késia Marques et al. . *Companheirismo e sexualidade de casais na melhor idade: cuidando do casal idoso*. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 787-798, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232011000400018&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232011000400018>.

NERI, Anita Liberalesso. **Qualidade de vida e idade madura**. 7ª ed. Campinas: São Paulo: Papyrus Editora, 1993.

NERI, Anita Liberalesso. **Atitudes e crenças sobre velhice: análise de conteúdo de textos de jornal O Estado de São Paulo publicados entre 1995 e 2002**. In. Olga Rodrigues de Moraes Von Simson (Orgs.). *As múltiplas*



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

faces da velhice no Brasil. 2ª ed. Campinas:
Alínea, 2006.

OMS. **Organização Mundial de Saúde.**
Relatório Mundial de Envelhecimento e
Saúde. Disponível em: <http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. acessos
em 24 dez. 2015.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos.
Desenvolvimento Humano. 12ª ed. trad.
Cristina Monteiro, Mauro de Campos Silva.
Porto Alegre: Artmed, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da, HALL, Stuart,
WOODWARD, Kathryn. (Org). **Identidade e
Diferença:** a perspectiva dos estudos
culturais. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

WERBA SALDANHA, Ana Alayde;
ARAUJO, Ludgleydson Fernandes de;
SOUSA, Valdiléia Carvalho de. Envelhecer
com Aids: representações, crenças e atitudes
de idosos soropositivos para o HIV. **Interam.
j. psychol.**, Porto Alegre , v. 43, n. 2, p. 323-
332, ago. 2009 . Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902009000200013&lng=pt&nrm=iso>.
acessos em 16 abr. 2016.

